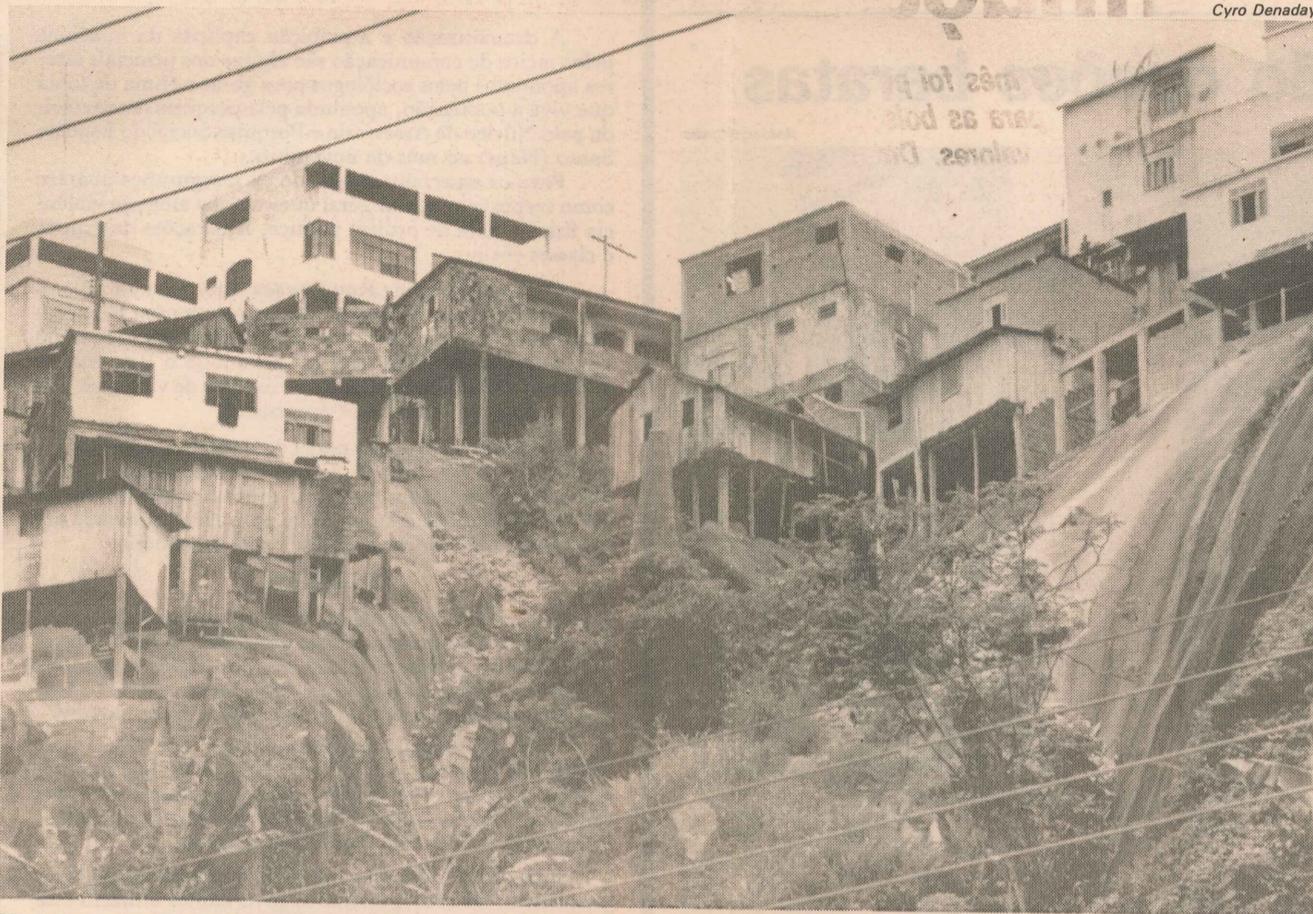


# POPULAÇÃO SE REFUGIA



Cyró Denaday

No Morro do Quadro o cenário é uma mistura de casas bem construídas com barracos escorados sobre as rochas

## Ocupação começou no início do século

O Morro do Quadro, localizado na Vila Rubim, foi a primeira encosta de Vitória a ser ocupada. A ocupação começou de forma amena, no início deste século, quando a região era então conhecida como Morro da Pálha. Entre as décadas de 20 e 30, com a construção do Porto de Tubarão, em Camburi, começaram a ser ocupados os morros de Caratoíra, no bairro de Santa Tereza, e do Cruzamento, em Jucutuquara.

Mas foi na década de 70, com o processo de implantação da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) que grande parte dos morros passou a ser ocupada.

“Nessa época o governo estadual anunciou a distribuição de terras para as pessoas que chegavam do interior”, contou o geógrafo do Departamento de Recursos Naturais da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Vitória (Semmam), Willis de Faria.

De acordo com ele, esse fato permite constatar que a maioria das pessoas que moram hoje nos morros de Vitória não tem qualquer tipo de qualificação profissional, já que muitos vieram do interior para trabalhar como ajudantes e auxiliares no momento da implantação da CST.

### MARCAS

A história da ocupação dos morros tem episódios interessantes e deixou marcas em algumas regiões. O Morro do Martelo, situado em Santo Antônio, por exemplo, recebeu esse nome porque a prefeitura, reprimindo a ocupação, derrubava os barracos durante a madrugada e pela manhã.

Os barracos eram, no entanto, reconstruídos pelos moradores. Como esse processo de derrubada e reconstrução dos barracos ocorreu várias vezes, surgiu a denominação Morro do Martelo.

Para o secretário de Planejamento da Prefeitura de Vitória, Fernando Bettarello, a maioria dos morros da capital é hoje ocupada devido à falta de planejamento habitacional durante as décadas de 60 e 70, quando o Estado mudou a sua base econômica de agrícola para industrial.

Na avaliação de Bettarello, naquela época deveria ter havido em toda a Grande Vitória um maior investimento em obras de infra-estrutura. De acordo com o secretário, o município de Vitória não tinha condições de abrigar toda a população que era atraída à capital pelos grandes projetos industriais.

“O resultado dessa falta de planejamento é que hoje estão sendo gastos recursos com projetos que seriam dispensáveis, caso não houvesse a ocupação desordenada nos morros e que trouxe conseqüências negativas como o desmatamento e a queda de barreiras”, disse Bettarello.

**Enfrentando a falta de alternativas habitacionais, 40% da população da ilha de Vitória povoam os 48 morros existentes na região. A ocupação começou no início do século a partir do Morro do Quadro, na Vila Rubim**

Marinete Arcanjo

Os 48 morros de Vitória, cujo processo de ocupação se começou no início do século e foi intensificado a partir dos anos 70, com a implantação de projetos industriais, abrigam 47 mil moradores o que representa 40% dos pouco mais de 100 mil habitantes da Ilha. Em termos de município, hoje com 276 mil habitantes, a população que reside nas encostas representa 20% deste total.

A ocupação nos morros tem como causa principal o fato de nunca ter havido qualquer forma de planejamento habitacional nos períodos em que o próprio Estado incentivava a vinda de trabalhadores para os projetos industriais, sem lhes oferecer condição adequada de moradia.

Desde a década de 70, quando o processo de ocupação nos morros se intensificou, muita coisa já mudou. Naquela época os barracos eram construídos em barro e tapados com folhas de coqueiro, quando não eram feitos só com folhagens de coqueiro.

Hoje as moradias construídas sobre os morros se contrastam e se dividem em três tipos: na parte mais baixa dos morros predominam as casas em alvenaria, geralmente com dois pavimentos. Na parte intermediária pode se perceber tanto casas de alvenaria com apenas um pavimento quanto casas feitas de madeira em boas condições.

Já no topo do morro predominam os barracos de madeira, em condições precárias de moradia, geralmente sem esgoto ou qualquer tipo de infra-estrutura.

A ocupação desorde-

nada das encostas acaba gerando um problema administrativo para a Prefeitura Municipal de Vitória (PMV). “Fica difícil construir ruas em cima de rochas”, avaliou o secretário de Planejamento de Vitória, Fernando Bettarello.

### DIFICULDADES

Sem a infra-estrutura necessária, os moradores se viram como podem: constroem casas sobre pedras e descem morros e escadarias para conseguir uma botija de gás, já que os caminhões não conseguem chegar em todos os locais, pois muitos bairros não têm acesso nem mesmo para a passagem de veículos.

Mas quem mora no morro não vive só as dificuldades. Alguns, como o caseiro Carlos Pereira dos Santos, 46 anos, residente no Morro da Fonte Grande há 11 anos, acreditam que é um privilégio poder viver num dos poucos locais próximos à cidade onde ainda é possível respirar um ar puro.

“Desde que eu vim da Bahia para cá, há 11 anos, nunca precisei ir a um médico”, comentou satisfeito Carlos Pereira dos Santos.

Os moradores das encostas, geralmente ganhando entre um e dois salários mínimos (de Cr\$ 42 mil a Cr\$ 84 mil), segundo um levantamento feito pela prefeitura, também se satisfazem em poder cultivar velhos hábitos e costumes, como a amizade e o companheirismo entre os vizinhos, difíceis de serem preservados na agitação dos centros urbanos.

“As pessoas são mais solidárias umas com as outras porque compartilham as mesmas dificuldades e não vivem em casas fechadas, como quem mora na cidade”, observou Dagmar José de Faria Silva, de 52 anos, que reside no Morro do Quadro.

### Crescimento da população na Grande Vitória)

Ano	População
1950	82.200
1960	194.262
1970	385.998
1980	705.058
1990	1.156.080

Fonte: Instituto Jones Santos Neves

### Densidade média de Vitória em relação aos demais municípios da Grande Vitória (\*)

Município	População (**)	Extensão (***)	Densidade (hab./ Km <sup>2</sup> )
Vitória	276.17	81 Km 2	3.138,9
Vila Velha	268.643	232 Km 2	1.095,5
Cariacica	251.777	273 Km 2	862,5
Serra	157.884	547 Km 2	226,8
Viana	44.620	328 km 2	56,5

(\*) Dados referentes ao ano de 1990

(\*\*) Dados do IBGE

(\*\*\*) Dados do IJSN

Fonte: Instituto Jones Santos Neves (IJSN) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

# NAS ENCOSTAS

Cyró Denaday



Duarte: No samba da Piedade desde menino

## Moradores mantêm vivas as tradições

Entre os hábitos e costumes compartilhados pelos moradores dos morros, o Carnaval é uma das tradições que atinge toda a população dessas regiões, independente da idade, sexo e do nível salarial.

Apesar de novos estilos de música e de dança já terem chegado aos morros, a juventude não deixou de lado a tradição de pular o Carnaval.

“Os mais jovens esquecem qualquer diversão para descer o morro e pular o Carnaval”, comentou o compositor do Grêmio Recreativo de Escola de Samba Unidos da Piedade, José Carlos Duarte, de 40 anos.

Nascido no Morro da Piedade, José Carlos começou a participar da

escola de samba, que surgiu em 1955 e hoje faz parte do primeiro grupo, desde menino.

“Na escola desfilam crianças de menos de nove anos de idade e até veteranos, como o Ailton Canário e o Negão Paru, ambos com mais de 70 anos”, observou o compositor de samba.

Maria Luiza Samora, de 23 anos, residente no Morro do Quadro, disse que já nem se lembra quando começou a desfilar pela Escola de Samba Novo Império, que atualmente também faz parte do primeiro grupo.

Ela contou que seguiu uma tradição passada por seus pais, que já participavam da escola quando ela

ainda era conhecida como Império da Vila.

Na opinião de Maria Luíza, o Carnaval é um evento que une os moradores dos morros. “Todas as famílias se unem nessa época, independente da idade e isso não muda nunca. Somos imperianos”, orgulhou-se a moradora.

Além do período que antecede o Carnaval, quando começam os ensaios todas as quartas e sextas-feiras, as famílias que residem em vários morros, como do Quadro, do Cabral e do Alto de Caratoíra, entre outros, também mantêm o hábito de se reunir em volta de um pagode aos domingos.

## Histórias passam de pai para filho

### MUDANÇAS

Mas apesar das mudanças, o bairro hoje ainda não dispõe de uma farmácia, açougue ou até mesmo um posto médico. “Se alguém fica doente, não tem jeito, tem que ir a um hospital, o que demora muito porque poucos ônibus passam aqui”, reclamou outra moradora da região, Vitória Galvão Pereira, de 39 anos.

O aumento do número de furtos e da violência também é observado com pesar pelos moradores que, apesar disso, ainda acabam concluindo que gostam de morar no morro.

“Aqui é o melhor lugar do mundo. Todo mundo se conhece. Além disso, os bandidos não atacam a gente”, considerou a dona de casa Dagmar José de Faria, que vive no Morro do Quadro.

Dagmar mora num barraco de

madeira que, segundo ela, já foi derubado pelo vento duas vezes. Desde que construiu dois pilares de cimento para sustentar o barraco, no entanto, Dagmar disse que não ocorreu outro acidente.

Mesmo percebendo que a madeira que sustenta parte da casa está apodrecendo, ela disse que não teme que o barraco caia novamente: “Vai depender de Deus. Por isso eu acredito que não vai acontecer nada”.

Já o caseiro Carlos Pereira dos Santos, 46 anos, residente no Morro da Fonte Grande, onde o calçamento ainda não chegou, preserva hábitos e costumes de pessoas do interior.

Com sua família, a mulher Maurina Conceição e os cinco filhos, ele tem o privilégio de se alimentar de frutas do próprio quintal, como laranja, manga, abacate, goiaba; além de estar próximo ao centro da cidade.

## Falta de estrutura provoca acidentes

Uma das piores conseqüências da ocupação dos morros é o desmatamento das encostas, que provoca a queda de barreiras e de pedras. O caso mais trágico que ocorreu em função do intenso desmatamento foi a queda, em 1985, de barreiras no Morro do Macaco, em Tabuazeiro. A tragédia deixou 40 vítimas fatais, além de 400 famílias desabrigadas.

No próximo ano a Prefeitura de Vitória vai investir, em apenas quatro morros, mais de Cr\$ 400 milhões (valores de hoje) para tentar consertar os danos provocados pelo desmatamento nesses locais, formados por camadas rochosas e cobertos pela vegetação da Mata Atlântica.

O investimento em contenção de encostas é que vai levar a maior parte dos recursos, cerca de Cr\$ 200 milhões. Para o reflorestamento serão destinados Cr\$ 140 milhões. Nas obras de infraestrutura e de construção de estradas serão gastos mais Cr\$ 90 milhões.

### LIXO

O geógrafo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Vitória, Willis de Faria, explicou que outro grande problema nos morros é a precária coleta de lixo, devido ao difícil acesso a esses locais: “O lixo acaba se acumulando, provocando a proliferação de ratos e de insetos nocivos, que perfuram a terra e contribuem para a erosão do solo”.

Willis de Faria disse que a partir de 1984 a prefeitura passou a reprimir a construção de casas acima de 50 metros do nível do mar para evitar a devastação e o desmatamento nos morros.

Mas antes dessa proibição, alguns barracos já haviam sido construídos 200 metros acima do nível do mar, segundo o secretário municipal de Planejamento Fernando Bettarello. Um dos exemplos é o morro de Gurigica.

Além de obras de contenção de barreiras e do reflorestamento, a prefeitura também está realizando uma campanha educativa junto aos moradores dessas regiões para que não lancem lixo nas encostas, o que provoca a erosão do solo.

A campanha educativa começou neste ano nos morros de São José e do bairro de Santa Helena. No próximo ano serão escolhidos outros quatro morros.

### A ocupação de alguns morros

Morros	Ocupação
Morro do Quadro (Vila Rubim)	Foi o primeiro a ser ocupado no início do século. Inicialmente ele levou o nome de Morro da Palha, devido aos barracos serem construídos com palhas.
Morros do Cruzamento (Jucutuquara) e de Caratoíra (bairro de Santa Tereza)	A ocupação começou a partir de 1920, com a criação da primeira vila operária, em Jucutuquara. Nesse período estava sendo implantado o Porto de Tubarão.
Morros de São João, Piedade e outros	Começaram a ser ocupados na década de 70, com as obras de implantação da Companhia Sirúrgica de Tubarão (CST).
Morro de Santa Helena	Último morro que passou por processo de ocupação, a partir de 1986, numa área cedida pela Arquidiocese de Vitória.

Obs.: Não foi informado o total de moradores desses morros

Fonte: Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Vitória (Semmam)